



## Trabalho 2085

### SABERES E FAZERES DOS TRABALHADORES DE ENFERMAGEM NA HISTÓRIA DO ISOLAMENTO DA HANSENÍASE NO PIAUÍ

Mariana Barbosa Dias<sup>1</sup>, Lidya Tolstenko Nogueira<sup>2</sup>

**INTRODUÇÃO:** A evolução histórica do controle da hanseníase no Brasil é permeada por contradições, notadamente no que se refere aos trabalhadores leigos de enfermagem. No início do século XX o modelo sanitário adotado resumia-se ao afastamento dos doentes de hanseníase do seu meio social, evidenciando a preocupação das autoridades em sanar a sociedade mediante o confinamento compulsório em hospitais colônias<sup>1</sup>. Os acometidos pela doença eram encaminhados para leprosários, geralmente distantes das cidades, de onde praticamente nunca mais saíam. Foram construídos leprosários em quase todos os Estados brasileiros e em 1931 foi inaugurado na cidade de Parnaíba, o único leprosário do Piauí, Hospital São Lázaro, denominado Hospital Colônia do Carpina em 1975<sup>2</sup>. Inicialmente a edificação resumiu-se a um único pavilhão, com capacidade para 50 internos e posteriormente expandiu sua estrutura para atender aos mais de 300 pacientes que provinham do interior e estados vizinhos como o Ceará, o Maranhão. Com o advento de quimioterápicos, o isolamento como medida profilática foi se destituindo frente à constatação de que tal política não diminuía o número de casos da doença; em 1962 foi decretado o fim do isolamento compulsório no Brasil e sob a Constituição de 1988 e o Sistema Único de Saúde, o papel dos leprosários foi redefinido<sup>3</sup>. Os cuidados aos doentes na Colônia do Carpina eram praticados por alguns pares, denominados "enfermeiros pacientes". Conhecer o relato das suas vidas e práticas assistenciais pode contribuir para elucidar e preservar a memória de parte da história da enfermagem piauiense. **OBJETIVO:** descrever os saberes e os fazeres de pessoas acometidas por hanseníase que desenvolviam atividades de enfermagem durante a sua internação compulsória na Colônia do Carpina. **DESCRIÇÃO METODOLÓGICA:** Trata-se de pesquisa qualitativa com abordagem histórica realizada em Parnaíba – PI com sete ex-assilados da Colônia do Carpina que praticaram atividades de enfermagem durante a sua internação compulsória até 1986 e cujos nomes foram localizados nos registros dos prontuários ou indicados por aqueles que ainda residiam na instituição. Os dados foram obtidos durante os meses de maio a julho de 2011 mediante o recurso da História Oral, utilizada como técnica de pesquisa e método para a produção de dados. As entrevistas foram gravadas em Mp3 e transcritas cabalmente para posterior análise. A pesquisa em todas as suas etapas considerou as normas estabelecidas na Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde e foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFPI (CAAE nº 0326.0.045.000-10). **RESULTADOS:** A análise dos resultados considerou: o aprendizado dos asilados para prover cuidados elementares de enfermagem; o cuidado prestado e o contexto de sua prática e, as condições de vida e de trabalho. O estigma em relação à hanseníase contribuiu para que os escassos recursos humanos de enfermagem se esquivassem do cuidado pelo temor de contrair a doença e determinou que os doentes mais habilidosos se transfigurassem para cuidar de seus pares. Estes eram denominados "enfermeiros-pacientes" e o seu aprendizado empírico adveio de outros asilados, médicos e eventualmente do "enfermeiro sadio", os quais estimulavam a iniciação nas práticas do cuidado sem qualquer treinamento formal. Os doentes mais habilidosos desenvolviam tarefas complexas, como administração de medicamentos e curativos e a ocupação com o cuidado de enfermagem era valorizado como prêmio. Quanto ao cuidado dos trabalhadores de enfermagem e sua prática evidenciou-se que os "enfermeiros pacientes" realizavam os cuidados como banho, medicação oral, curativos, alimentação, observação dos internos, limpeza das enfermarias, além de auxiliar o "enfermeiro-chefe" e o

<sup>1</sup> Enfermeira. Mestre em Enfermagem, Professora da Universidade Federal do Piauí – UFPI.

<sup>2</sup> Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Professora Associada da Universidade Federal do Piauí –UFPI.



## Trabalho 2085

médico nas consultas e em algumas cirurgias tendo em vista que era comum a amputação de membros. A questão de gênero era considerada e o cuidado de mulheres asiladas era provido exclusivamente por “enfermeiras pacientes”. A medicação disponibilizada para o tratamento dos internos da Colônia na década de 1940 era insuficiente e à base de chaulmoogra e seus derivados, cuja via de administração foi apontada como obstáculo ao tratamento. A partir da introdução da dapsona, o controle da doença tornou-se mais efetivo embora alguns asilados burlassem o seu uso regular em razão da inexistência de controle rigoroso por parte dos “enfermeiros pacientes” sobre quem tomava ou não o medicamento. No que se refere as condições de vida e de trabalho dos “enfermeiros doentes” vale ressaltar que estes eram submetidos a exaustiva rotina, disponíveis para o atendimento em qualquer hora do dia ou da noite, por residirem na instituição. A exigência do cumprimento no trabalho remete à pirâmide de olhares, um sistema de vigilância em que uns controlam os outros, numa escala hierárquica<sup>4</sup>. Nesse caso em particular, os médicos delegavam ao “enfermeiro-chefe” o controle dos “enfermeiros pacientes”, que controlavam os pacientes. Inexistia vínculo empregatício, a despeito de pagamento simbólico pelo trabalho realizado, além da doação de tecido para confecção de uniforme e calçados duas vezes por ano. Apesar das condições insalubres de trabalho, da pobreza e da sujeira dos pavilhões, do grande número de pacientes internados, sempre acima da capacidade da instituição, não se percebeu no fala dos entrevistados expressões de sofrimento ou ressentimento, mas certa compreensão da situação, como parte do contexto e da época vivida. **CONCLUSÃO:** Na Colônia do Carpina, os doentes se depararam com o desafio de nova experiência de vida, restrita e reclusa. Entretanto, para alguns o asilo não representou a morte social na medida em que conseguiram constituir novas famílias e procuraram desenvolver novos papéis nesse meio social, como “enfermeiros pacientes”, e outros que a instituição requeria. Os “enfermeiros pacientes” além de atingidos por uma moléstia milenarmente repudiada pela sociedade, contribuíram para o cuidado com a vida daqueles que, como eles mesmos, encontravam-se banidos socialmente. Os “enfermeiros pacientes” não detinham formação específica nem preparo para desenvolver as atividades que lhes eram exigidas, porém, tal realidade não se configurou ilegal posto que a enfermagem laica prevaleceu dos leprosários e nas demais instituições de saúde durante longos anos. Cabe destacar que há ainda muitas lacunas no conhecimento e muito trabalho a ser feito para que estes sujeitos tenham suas histórias conhecidas e sejam dignificados pela sociedade. **CONTRIBUIÇÕES PARA A ENFERMAGEM:** Conhecer as práticas assistenciais à época da institucionalização da hanseníase pode contribuir para elucidar e preservar a memória de parte da história da enfermagem piauiense do século XX.

**REFERÊNCIAS:** 1 Borenstein M, Padilha MIC. Hanseníase: estigma e preconceito vivenciados por pacientes institucionalizados em Santa Catarina (1940-1960). Rev. Brasileira de Enfermagem. Rio de Janeiro. 2008 nov; 61(espec):708-13. 2 Correia BJ, Lima BS. (Orgs.) O Livro do centenário de Parnaíba: 1844 - dezembro -1944. Parnaíba: Gráfica Americana; 1945. 3 Claro LBL. Hanseníase: representações sobre a doença. Rio de Janeiro: Fiocruz; 1995. 4 Foucault M. Microfísica do Poder. 17ª ed. Rio de Janeiro: Graal; 2002.

**DESCRITORES:** Hanseníase; Institucionalização; Enfermagem.

**EIXO TEMÁTICO III:** EIXO III - Diversidade cultural e o trabalho de enfermagem